

PISTAS PARA PENSAR A RACIALIZAÇÃO DE PESQUISAS, AÇÕES E PRÁTICAS

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM
PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

CREPOP-07 | CRPRS



CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS DA SÉTIMA REGIÃO (CREPOP-07) | CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL

Conselheira de referência - Carla Mariela Carriconde Tomasi

Técnica Assessora de Políticas Públicas - Rafaela Demétrio Hilgert

Estagiárias de Psicologia - Lara Steigleder Wayne; Thayna Miranda da Silva

Organização: Thayna Miranda da Silva

Textos e seleção dos textos referenciados: Thayna Miranda da Silva

Diagramação: Thayna Miranda da Silva

Pistas para pensar a racialização de pesquisas, ações e práticas -
Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas -
Crepop-07 - CRPRS. / Thayna Miranda da Silva. Porto Alegre,
2021.



Se o racismo estrutura todas as relações sociais e institucionais, é necessário romper com a noção de que a discussão racial pode ser encarada de modo pontual ou temático.

POR QUE RACIALIZAR?

Se o racismo tudo atravessa, é necessário que o olhar racializado atravesse tudo.

O racismo denegado do mito da democracia racial no Brasil (GONZALEZ, 2020) é responsável pelo estabelecimento de práticas - inclusive, dentro da Psicologia - que se voltam para um suposto modelo de sujeito universal, que, na verdade, é o sujeito branco. Dessa forma, ao não transversalizar um olhar racializado sobre todas as nossas relações e práticas cotidianas, acabamos contribuindo para a manutenção das discriminações raciais, seja pela ausência de uma escuta qualificada aos sujeitos não brancos, seja pela falta de percepção sobre as práticas de favorecimento que são constantemente destinadas à população branca.

Compreendendo que o racismo é sempre estrutural, não é possível encarar a discussão sobre as relações raciais como elemento temático ou pontual. É preciso atravessá-la na integridade de todos os processos sociais.

BRANQUITUDE



Para iniciar qualquer movimento de racialização, é necessário colocar em questão a racialidade de quem se pretende não marcado, não racializado.

Ou seja, em primeiro lugar, é preciso racializar o sujeito branco, que se constrói como esse modelo pretensamente universal a partir da marcação de que não faz parte das Outridades (KILOMBA, 2019), formadas por sujeitos racializados, como negros e indígenas.



BRANQUITUDE



Maria
Aparecida
Bento

A branquitude pode ser entendida "como um lugar de privilegio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade. Branquitude como preservação de hierarquias raciais, como pacto entre iguais, encontra um território particularmente fecundo nas Organizações, as quais são essencialmente reprodutoras e conservadoras". (BENTO, 2002)



Lia Vainer
Schuchmann

"A branquitude é entendida aqui como uma construção sócio-histórica produzida pela ideia falaciosa de superioridade racial branca, e que resulta, nas sociedades estruturadas pelo racismo, em uma posição em que os sujeitos identificados como brancos adquirem privilégios simbólicos e materiais em relação aos não brancos". (SCHUCMAN, 2012)

PRIVILÉGIOS SIMBÓLICOS E MATERIAIS

Além dos privilégios materiais recebidos por pessoas brancas - quem podem ser observados por levantamentos estatísticos sobre desigualdade salarial e de ocupação, por exemplo - também existem os privilégios chamados simbólicos. De acordo com Lia Vainer Schucman (2012), "na sociedade brasileira, os indivíduos, querendo ou não, são classificados racialmente logo ao nascerem. Nos classificados socialmente como brancos recaem atributos e significados positivos ligados à identidade racial à qual pertencem, tais como inteligência, beleza, educação, progresso etc. A concepção estética e subjetiva da branquitude é, dessa maneira, supervalorizada em relação às identidades raciais não brancas (Sovik, 2004), o que acarreta a ideia de que a superioridade constitui um dos traços característicos da branquitude (Fanon, 1980)".



VANTAGEM E DESVANTAGEM

Inseridos em uma estrutura racista, a nossa vida inteira será marcada por posições de vantagem ou desvantagem, de acordo com a nossa cor.

Foto: Reprodução/Facebook - Rafael vivia em situação de rua até uma foto sua, publicada nas redes sociais, lhe render o apelido de "mendigo gato" e gerar grande sensibilização por parte de outras pessoas, que lhe pagaram tratamento e outros benefícios. Ele chegou a vivenciar a carreira de modelo depois disso.

OUTRIDADES

Grada Kilomba



Enquanto à imagem do sujeito branco são atribuídos significados positivados socialmente, o sujeito negro é posicionado no lugar de "Outro", do não universal e do que é inferior.

Negros como os "outros" de que se tem ódio ou medo



Negros como os "outros" por quem se sente pena, dó e que são tratados com ausência

OUTRIDADES

Grada Kilomba

★ 66 ★

"No racismo cotidiano, a pessoa negra é usada como tela para projeções do que a sociedade branca tornou tabu. Tornamo-nos um depósito para medos e fantasias brancas do domínio da agressão ou da sexualidade. É por isso que, no racismo, a pessoa negra pode ser percebida como "intimidante" em um minuto e "desejável" no minuto seguinte, e vice-versa; "fascinantemente atraente" a princípio e, depois "hostil" e "dura". Em termos freudianos, os dois aspectos da "agressão" e da "sexualidade" categorizam a organização psicológica de um indivíduo. Na sociedade branca, no entanto, esses dois aspectos da "agressão" e da "sexualidade" têm sido reprimidos e reprojitados de forma massiva em outros grupos raciais. Tais processos de repressão e projeção permitem que o sujeito branco escape de sua historicidade de opressão e se construa como "civilizado" e "decente", enquanto "Outras/os" raciais se tornam "incivilizadas/os" (agressivos) e "selvagens" (sexualidade)." (KILOMBA, 2019)



Silvio Almeida

RACISMO



"Racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam".
(ALMEIDA, 2019)



PRECONCEITO RACIAL

"É o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais "naturalmente" preparados para as ciências são exemplos de preconceito" (ALMEIDA, 2019)



O vídeo "Sudestino", do Porta dos Fundos, satiriza bem um exemplo de preconceito racial baseado em estereótipos recorrente no Brasil: www.youtube.com/watch?v=1E9gAWSxj4



DISCRIMINAÇÃO RACIAL

"É a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça". (ALMEIDA, 2019)

DÍSCRIMINAÇÃO DIRETA

"É o repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial". (ALMEIDA, 2019)



Silvio Almeida

DÍSCRIMINAÇÃO INDIRETA

É um processo em que a situação específica de grupos minoritários é ignorada - discriminação de fato -, ou sobre a qual são impostas regras de "neutralidade racial" - colorblindness - sem que se leve em conta a existência de diferenças sociais significativas - discriminação pelo direito ou discriminação do impacto inverso. (...) É marcada pela ausência de intencionalidade explícita de discriminar pessoas". (ALMEIDA, 2019)

RACISMO INSTITUCIONAL



Jurema
werneck

"O racismo institucional (...) desloca-se da dimensão individual e instaura a dimensão estrutural, correspondendo a formas organizativas, políticas, práticas e normas que resultam em tratamentos e resultados desiguais. É também denominado racismo sistêmico e garante a exclusão seletiva dos grupos racialmente subordinados, atuando como alavanca importante da exclusão diferenciada de diferentes sujeitos nesses grupos" (WERNECK, 2016)

O conceito foi cunhado pelos ativistas do grupo Panteras Negras, Stokely Carmichael e Charles Hamilton, em 1967.





Silvio Almeida

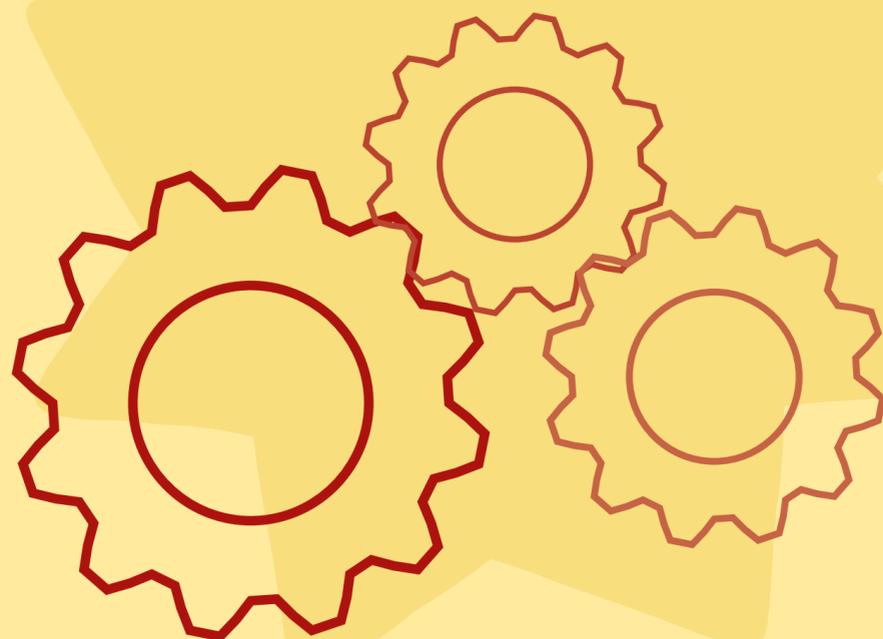
"As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Ou seja, **as instituições são racistas porque a sociedade é racista**" (ALMEIDA, 2019)

"Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem **de maneira ativa** e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como 'normais' em toda a sociedade". (ALMEIDA, 2019)

"Sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. Se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas"
(ALMEIDA, 2019)



Silvio Almeida





Silvio Almeida

**O QUE UMA
INSTITUIÇÃO
VERDADEIRAMENTE
PREOCUPADA COM A
QUESTÃO RACIAL
PODE FAZER?**

- 01** Promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo - por exemplo, na publicidade;
- 02** Remover obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição;
- 03** Manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais;
- 04** Promover o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero.



Lia Vainer
Shuchmann

LETRAMENTO RACIAL

O que é essencial saber para racializar ações nas instituições?

- 01** Um reconhecimento do valor simbólico e material da branquitude.
- 02** A definição do racismo como um problema social atual, em vez de um legado histórico.
- 03** Um entendimento de que as identidades raciais são aprendidas e um resultado de práticas sociais.
- 04** A posse de gramática e um vocabulário racial que facilite a discussão de raça, racismo e antirracismo.
- 05** A capacidade de traduzir e interpretar os códigos e práticas racializadas de nossa sociedade.



COMO COMEÇAR A PENSAR EM MOVIMENTOS DE RACIALIZAÇÃO?

Para ilustrar como podemos começar a pensar movimentos de racialização, utilizaremos como exemplo pesquisas e práticas no campo da saúde.

Pensando sobre um serviço de saúde, por exemplo, poderíamos começar a nos questionar sobre o uso de fichas que solicitem a autodeclaração racial dos usuários e, havendo o uso do instrumento, como ele é levado em consideração nas discussões de caso, no tratamento e nas práticas do serviço em geral.

Poderíamos pensar também sobre qual é o perfil racial de usuário que mais chega a esse serviço, avaliando tanto a questão de acesso, quanto outras razões estruturais que levam ou não determinada população a esse espaço.

E, poderíamos, principalmente, fazer um exercício de observação sobre como os profissionais racializam transversalmente o seu olhar sobre as práticas cotidianas. A racialidade dos usuários aparece em seu discurso? Eles são capazes de relacionar determinados comportamentos ou situações de adoecimento à estrutura racista?

Tadeu de Paula
Souza, José Geraldo
Damico e Emiliano
Camargo David

RACIALIZAR PARA DESRACIALIZAR



"Quiséramos que fosse possível superar o racismo sem precisar racializar, mas a negação e manipulação do racismo torna essa passagem direta impossível ou muito improvável, especialmente no Brasil. O racismo denegado pelo mito da democracia racial do Brasil (Gonzalez, 1988) faz com que o esforço desse segundo texto, de constituir a própria história, passe antes pela necessidade de romper a denegação." (SOUZA, DAMICO, DAVID, 2020)

"Desracializar não é negar ou passar ao lado das raças, mas passar pelo meio, atravessá-la por dentro, rompendo suas amarras que emulam uma ontologia. Para tal, a negritude inventou um paradoxo: racializar para desracializar." (SOUZA, DAMICO, DAVID, 2020)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. E-book.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA Márcia. (Org.). Por um feminismo Afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020e. p. 75-93.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf>

SOUZA, Tadeu de Paula; DAMICO, Jose Geraldo; DAVID, Emiliano de Camargo. Paradoxos das políticas identitárias: (des)racialização como estratégia quilombista do comum. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 42, n. 3, 2020,
<<https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i3.56465>>

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. Saúde e Sociedade. v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016
<<https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>>